

CATAR E COLECIONAR – DO LIXO À MUSEALIA NOS MUSEUS DO LIXO

GLORIA ALEJANDRA GUARNIZO LUNA¹

RESUMO

As novas abordagens e perspectivas institucionais do campo dos museus, principalmente a partir da década de 1980, passaram a inserir material, imaterial e simbolicamente, memórias e histórias cada vez mais singulares que agem sobre os objetos e acervos de museus, onde há uma tendência a não mais avaliar seu “grau de importância”. A ampliação do campo museal e a própria definição de museu, permitem que os Museus do Lixo sejam concebidos como espaços museais e que os restos, os excessos e o lixo sejam (re)significados como objetos de museu. A incorporação de objetos provenientes do lixo em alguns dos acervos nos Museus do Lixo, acontece através de personagens, entre eles Valdinei Marques, conhecido como “Nei”, Rubens Dalprat, Alfonso Cardoso conhecido como “Panamá”. Estes “trapeiros”, ligados a empresas de reciclagem de lixo, ou sistemas de lixo, cataram, selecionaram coisas e objetos que consideraram que não eram lixo, passando a compor coleções e acervos dos Museus do Lixo nas cidades de Florianópolis (SC), São José dos Campos (SP) e Campo Magro/Curitiba (PR).

PALAVRAS-CHAVE

Coleta; *Musealia*; Acervo do Museu do Lixo.

PICKING AND COLLECTING – FROM TRASH TO MUSEALIA IN THE TRASH MUSEUMS

ABSTRACT

The new approaches and institutional perspectives in the field of museums, mainly from the 1980s onwards, began to insert material, immaterially and symbolically, increasingly unique memories and stories that act on objects and museum collections, where there is a tendency to no longer assess their “degree of importance”. The expansion of the museum field and the very definition of museum allow the Trash Museums to be conceived as museum spaces and for the remains, excesses and garbage to be (re)signified as museum objects. The incorporation of objects from garbage in some of the collections in the Trash Museums, happens through characters, among them Valdinei Marques, known as “Nei”, Rubens Dalprat, Alfonso Cardoso known as “Panamá”. These “trapeiros”, linked to garbage recycling companies, or garbage systems, collected, selected things and objects that they considered were not garbage, starting to compose collections of the Garbage Museums in the cities of Florianópolis (SC), São José dos Campos (SP) and Campo Magro/Curitiba (PR).

KEYWORDS

Collect; *Musealia*; Collection of the Garbage Museum.

CUEILLETTE ET COLLECTE – DES DÉCHETS AUX MUSEALIA DANS LES MUSÉES DES DÉCHETS

RESUMÉ

Les nouvelles approches et perspectives institutionnelles dans le domaine des musées, notamment à partir des années 1980, ont commencé à insérer matériellement, immatériellement et symboliquement, des mémoires et

¹ Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2018, com a tese: O (Não) Lixo na Era do Consumo: Cidade, Museu, Arte. Autora dos livros: Museus do Lixo no Brasil (2021) e Irene de Souza Boemer: Dama do Rádio - Cronista da Cidade (2008). Graduada em História e Museologia. Museóloga registrada no Conselho Regional de Museologia - COREM - 5 Região PR/SC. Desenvolve pesquisas na área de História, Teoria e Crítica de Arte com ênfase nas Imagens, Arte, Museus, Acervos, Coleções, Exposições, Patrimônio, Cidade, Consumo, Discursos, Subjetividades e Contemporaneidade.

des histoires de plus en plus singulières qui agissent sur les objets et les collections muséales, où l'on a tendance à ne plus évaluer leur "degré d'importance". L'élargissement du champ muséal et la définition même du musée permettent de concevoir les Musées des Déchets comme des espaces muséaux et de (re)signifier les restes, les excès et les déchets comme des objets muséaux. L'incorporation d'objets provenant des ordures dans certaines des collections du *Museus do Lixo*, se fait à travers des personnages, parmi lesquels Valdinei Marques, dit "Nei", Rubens Dalprat, Alfonso Cardoso dit "Panamá". Ces «trapeiros», liés à des entreprises de recyclage des ordures ou à des systèmes d'ordures, ont collecté, sélectionné des choses et des objets qu'ils considéraient comme n'étant pas des ordures, commençant à composer des collections et des collections des musées des ordures dans les villes de Florianópolis (SC), São Paulo. José dos Campos (SP) et Campo Magro/Curitiba (PR).

MOTS-CLÉS

Collecter; *Muselia*; Collection du musée des ordures

RECOGER Y COLECCIONAR – DE LA BASURA A LA MUSEALIA EN LOS MUSEOS DE LA BASURA

RESUMEN

Los nuevos enfoques y perspectivas institucionales en el campo de los museos, especialmente a partir de la década de 1980, comenzaron a insertar material, inmaterial y simbólicamente, memorias e historias cada vez más singulares que actúan sobre los objetos y colecciones museísticas, donde se tiende a dejar de valorar su "grado de importancia". La ampliación del campo museístico y la propia definición de museo permiten concebir los Museos de la Basura como espacios museísticos y que los restos, excesos y basuras sean (re)significados como objetos de museo. La incorporación de objetos de basura en algunas de las colecciones de los Museos de la Basura pasa por personajes, entre ellos Valdinei Marques, conocido como "Nei", Rubens Dalprat, Alfonso Cardoso conocido como "Panamá". Estos "traperos", vinculados a empresas de reciclaje de basura, o sistemas de basura, recogían, seleccionaban cosas y objetos que consideraban que no eran basura, pasando a componer colecciones y acervos de los Museos de la Basura en las ciudades de Florianópolis (SC), São Paulo. José dos Campos (SP) y Campo Magro/Curitiba (PR).

PALABRAS CLAVE

Recoger; *Muselia*; Colección del Museo de la Basura.

INTRODUÇÃO

A partir das fendas abertas nos anos 1970, na museologia clássica, tanto pela Mesa Redonda de Santiago, quanto pelas experiências de museus desenvolvidas em outros países como França, Portugal, Canadá e México, O Movimento Internacional da Nova Museologia (MINOM), nos anos 1980, colaborou para reconfiguração do campo dos museus e a museologia que passa a revisar suas bases teóricas. Este deslocamento instaura uma queda na concepção e aplicabilidade da museologia clássica colonialista e uma ascendência do método etnográfico. As transformações teóricas impactaram as bases metodológicas e a própria concepção de museu. A proliferação de museus, resultado de investimentos públicos e privados, permitiu a recomposição de coleções, a extensão de novos museus e o surgimento de novos serviços para atender às diversas categorias de públicos.

As terminologias museus de território, museus de sociedade, museus locais, museus comunitários, museus de bairro e de vizinhança, ecomuseus, etnomuseus, entre outros, foram desenvolvidas como forma de nomear a ruptura de fronteiras que o alcance que a palavra museu permitia e ainda permite. As novas tipologias de museus romperam limites teóricos e práticos do patrimônio histórico e artístico nacional, que objetivaram o desenvolvimento de práticas nas quais o museu passa a ser concebido como um lugar de liberdade de diferentes atores contribuindo para a pluralização de experiências interpretações e significados. O museu, neste movimento, passou a ser concebido como patrimônio cultural e o patrimônio cultural constitutivo da nova configuração museal (CHAGAS, 2009, p. 53). Múltiplas demandas sociais em diversos países se apropriaram das categorias museu e patrimônio, a fim de dar voz às suas necessidades e promover o exercício da cidadania.

A ampliação museológica e museográfica no Brasil, assim como em outros países, permitiu a incorporação de representações de memórias, estéticas e linguagens não hegemônicas e decoloniais, em casas, escolas, favelas, cemitérios, campos de concentração, ruas, estradas de ferro, minas de carvão, fábricas, sítios, parques, jardins botânicos, reservas biológicas, centros de processamento de lixo, aterros sanitários entre outros lugares de memória, sob o olhar museológico. Esta abertura incorpora o fragmento e a descontinuidade do patrimônio cultural e natural, e caminha na contramão dos discursos totalizadores. Hugues de Varine-Bohan (1972) lembra no livro Guia dos Museus Brasileiros (2011) que “nenhum museu é total”, nem consegue transpor a arte criadora da própria cultura, do saber e fazeres que se modificam e (re)significam no cotidiano.

O campo museal e os museus, suas concepções, funcionalidades e novas abordagens, inserem material, imaterial e, simbolicamente, memórias e histórias cada vez

mais singulares. Concomitantemente estes novos registros, num movimento de cultura global, criam laços de identificações e aproximações. As novas abordagens e perspectivas institucionais do campo museal agem sobre os acervos e objetos de museus, onde há uma tendência a não mais avaliar seu “grau de importância” e “tudo” passa a ser plausível de ser musealizado, o que não está imune de contradições e embates práticos e teóricos. A magnitude ou banalidade das coisas é uma atribuição de conteúdo ou esvaziamento de significado dados pelos museus, que se modificam historicamente. Os Museus do Lixo no Brasil, com suas particularidades nas cidades de Florianópolis (SC), Campo Magro/Curitiba (PR), São José dos Campos (SP), entre outras cidades do Brasil que possuem Museu do Lixo ², inserem-se, de maneira direta ou indireta, no movimento que reformula objetos, coleções e espaços museais. Os Museus do Lixo são uma nova tipologia de museus, “que se tornam veículos de transmissão, numa abordagem interdisciplinar, com finalidade educativa, artística, de inclusão social e espaços de reflexão sobre as práticas do consumo e do descarte da sociedade contemporânea” (LUNA, 2021, p. 32). Os Museus do Lixo no Brasil, seus objetos e coleções, encontram-se ligados diretamente à coleta seletiva, fazendo parte da engrenagem que movimenta lixo em diversas cidades brasileiras, e são percebidos como uma nova dimensão de abrigo da memória da própria sociedade de consumo.

CATAR E COLECIONAR TESOUROS – DO LIXO À *MUSEALIA*

As coleções e os diferentes estágios pelo qual passa um objeto até que lhe seja atribuído valor museológico, foram analisadas por Krzysztof Pomian (1990). Uma fábrica e suas máquinas, por exemplo, depois que deixa de fazer parte de um ciclo produtivo e útil, tendem a se tornar economicamente inviáveis. O caminho a ser seguido pelas coisas que se tornaram obsoletas é o descarte. Retira-se destas máquinas todo o conteúdo vantajoso, tudo o que as qualificava como coisas, provocando um esvaziamento. Nas máquinas e na fábrica desprovidas da sua função inicial, fica o resíduo, o remanescente do passado. Na fábrica não se produz mais “quaisquer objetos destinados ao uso” (POMIAN, 1990, p. 42 apud ASSMANN, 2011, p. 352). Um círculo semiótico, ou sistemas de significação, passa a ser produzido a partir das diversas discussões e atitudes, entre elas as museais, que expressam posturas perante o passado que a fábrica e seu maquinário incorporaram.

² Os Museus do Lixo ocorrem nas cidades de Florianópolis (SC), São José dos Campos (SP), Campo Magro/Curitiba (PR), Belo Horizonte (MG), Vitória (ES), Crato (CE), Palmas (TO), Caxias (RS), Ceilândia (DF), São Paulo (SP) e em cidades fora do Brasil como em Nova York (EUA). Mais informações sobre os Museus do Lixo, disponíveis em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_do_lixo. Acesso em: 18 jan. 2022.

Preservar, numa perspectiva museológica, não consiste em apenas salvar a *musealia* contra a ação do tempo, mas assegurar que esta preservação seja de interesse público, ainda que esta denominação possa excluir diversos grupos e seja muitas vezes conflituosa. O termo *musealia* para designar “objetos de museu” foi introduzido na museologia por Zbyněk Stránský, pensador checo, em meados dos anos 1960. A partir de sua difusão na Europa ocidental, o termo passou a ser adotado por diversas correntes da museologia contemporânea. A musealização extrai física e conceitual uma coisa do seu meio natural ou cultural de origem, e confere a ela um estatuto museal transformando-a em *musealia* ou *musealium*, ou seja, em um objeto de museu que se integra ao campo museal (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013).

Os objetos de museus ou *musealia* enquanto documentos podem ser entendidos como suporte de algo ou de alguém. Os objetos trazem e produzem informação, que permite a produção de diversos conhecimentos, àqueles que com eles se relacionam. O próprio objeto é a “evidência”, e este passa a se tornar mais perceptível quando o é classificado a partir das características intrínsecas e extrínsecas (FERREZ, 1994, p. 64-73). Deste modo, para a museologia “uma coisa se torna objeto na medida em que se insere em um sistema classificatório específico” (BRULON, 2015, p. 25) e adquire significado e valores segundo sua circulação entre as sociedades e seus contextos. Um objeto que fora descartado, por exemplo, torna-se *musealia* quando existe a conversão para sua musealização, que no espaço museal é (re)significado e atua como símbolo ou signo. A musealização de algumas das coisas que perderam sua utilidade, no Museu do Lixo, tem a conotação de registro das diversas produções da cultura material, bem como permite historicamente o estudo das práticas de consumo e descarte. Estas coisas incorporam atributos outros, ligados à nova função: de bem material museal.

Muitas das coisas que são vistas no Museu do Lixo podem ser encontradas em museus que valorizam institucionalmente acervos biográficos, etnológicos, artísticos, entre outros, que são levados à categoria de patrimônio cultural e destacam a mediação que o museu possibilita (CHAGAS, 2011, p. 43). Pregos, garrafas de refrigerante, latinhas, miniaturas de porcelana, sapatos, malas, relógios de mesa, esculturas de madeira, ferro e gesso, máscaras, luminárias, teares, telefones de mesa, interfones, celulares, videogames, televisores, enceradeiras, liquidificadores, fogões, panelas, bicicletas, brinquedos, instrumentos musicais, cadeiras, pinturas, telas, quadros, fotografias, livros, mesas, cadeiras, sofás, entre outras infinitudes de objetos e coisas, entram no domínio patrimonial e museal no Museu do Lixo.

Os objetos tornam-se coisas no Museu do Lixo quando são preenchidos no seu vazio daquilo que deixou de ser. O atributo de coisa, permite-lhes um ressurgimento da coisa em si, quando este vazio é preenchido na ação contínua de quem catou, de quem separou e de

quem acondicionou como coisa no museu. Neste movimento o catador, coletando coisas marcadas pela memória do tempo, constrói um patrimônio de coisas que aparentemente podem parecer supérfluas para alguns olhares. Em outra perspectiva, estas coisas ganharam o privilégio do abandono, do achado, da coleta e acolhimento. O catador e/ou “trapeiro”, forma sua coleção e monta seu acervo a partir de coisas que foram descartadas e destituídas da sua função.

Walter Benjamin, em *Paris, capital do séc. XX* (1985, p. 51), percebeu que “*Os catadores de trapo apareceram em maior número nas cidades depois que, através de novos processos industriais, passou-se a dar certo valor ao lixo. Eles trabalhavam para intermediários e representavam uma espécie de indústria caseira sediada na rua. A figura do trapeiro fascinou a sua época*”. Benjamin ressaltou a importância social que o catador de trapos ou “trapeiro”, possui na época Baudelaire em meados do século XIX, que, no sentido contrário da sociedade do consumo, catava e colecionava o que a sociedade descartara. De acordo com Benjamin, a figura do trapeiro de Baudelaire trata-se de uma metáfora do poeta desse período. O trapeiro se torna uma espécie de herói urbano, ícone da modernidade, adequado ao fazer poético do autor e ao material utilizado por Baudelaire na sua poesia. Tanto o poeta quanto o trapeiro, de maneira solitária, apossavam-se dos detritos da sociedade e “realizavam seu negócio nas horas em que os burgueses” se entregavam ao sono (BENJAMIN, 1985, p. 103).

A figura do trapeiro, para Benjamin e a relação do poeta Baudelaire, perante o contexto urbano parecem ambíguas. Simultaneamente assume uma postura crítica em relação à sociedade e suas relações de consumo, exalta o contexto urbano e assume empatia com a figura do catador de trapos, e com o próprio lixo. Tudo o que se mostra degradado e desvalorizado, na linguagem torna-se material para sua prosa poética, que seguiu o ritmo catando versos e rimas nos recantos mais soturnos das experiências e relações tecidas na cidade. O *pas saccadé* (passo cadenciado) de Baudelaire é o passo do poeta que anda pela cidade catando restos de rimas, assim como o “passo do trapeiro que, a todo instante, para no seu percurso, observando, selecionando e catando o lixo que encontra” (BENJAMIN, 1985, p. 104). Sob a metáfora do catador de trapos pode ser percebida a atividade dos catadores que catando formam coleções e constituem os acervos dos Museus do Lixo.

Valdinei Marques o “Nei”, Rubens Dalprat, e Afonso Cardoso o “Panamá”, entre diversos catadores, trapeiros contemporâneos, parecem conhecer a grandeza e o valor das pequenas coisas, um achado de tesouros nas coisas esquecidas, banais e destituídas das suas funções práticas, tecnológicas ou sentimentais. Eles, garimpam, escolhem, selecionam, apreciam no meio dos rejeitados ou “rejeitos”, os fragmentos de uma sociedade inteira, num compromisso de reaproveitamento, dando novos destinos e usos para o que foi descartado.

Dentre diversos Museus do Lixo no Brasil, são destacados, o Museu do Lixo - O passado ainda Presente de Florianópolis que surgiu por iniciativa de um grupo de trabalhadores da Companhia de Melhoramentos da Capital (COMCAP), idealizado e organizado por Valdinei Marques, o “Nei”, em 2003; O Museu do Lixo de São José dos Campos, ligado à Urbanizadora Municipal (URBAM), que surgiu em 1991, por iniciativa do ex-funcionário Rubens Dalprat, e mesmo aposentado, continua desenvolvendo atividades nesse espaço museal; O Museu do Lixo que não é Lixo, de Campo Magro/Curitiba, que foi organizado pela Unidade de Valorização de Recicláveis (UVR), em 1994, a partir da coleção de objetos coletados pelo ex-gari aposentado Afonso Cardoso, conhecido como “Panamá”. Estes três Museus do Lixo surgiram por iniciativas de ex-garis ligados aos centros de tratamento de lixo.

Estes personagens, ligados aos centros de tratamento de lixo, nessas cidades, perceberam que diversos objetos que tinham sido jogados fora, mereciam ser catados e selecionados, sendo (re)significados como objetos de museu no Museu do Lixo. Eles percorrem o olhar e a cidade no ritmo de quem percebe valor em materiais que podem transcender e subverter sua função de origem e atribuem valor museal e de objeto de arte àquilo que outros classificaram como lixo. O lixo no sentido etimológico, relacionado a elementos como impureza, sujeira, miséria ou ineficiência em determinadas conjunturas, no Museu do Lixo assume uma dimensão política, estética, poética e pedagógica constituindo-se em objeto artístico, patrimônio e *musealia*. A ação destes catadores, que catando foram criando suas coleções, permitindo a formação de Museus do Lixo, é de algum modo uma afirmação de si ou do grupo e uma contribuição para a constituição de acervos.

DE COLEÇÃO À MONTAGEM DE ACERVOS NOS MUSEUS DO LIXO

As memórias particulares e o apego à lembrança de determinado contexto que pertence ao campo da sensibilidade podem mover a atividade de guardar objetos responsáveis por este sentir. Quanto mais significado é atribuído, menos utilidade o objeto possui, e vice-versa. Ao colocar uma moldura em um determinado aspecto do passado, se constrói uma obra do presente, como acontece com os objetos, nos Museus do Lixo de Florianópolis (SC), São José dos Campos (SP) e Campo Magro na região metropolitana de Curitiba (PR).

A prática do coleccionar, nos Museus do Lixo, se orienta pela sensibilidade e percepção sobre o que é produzido, descartado, guardado e salvaguardado. Um sistema operante e de investimento permitem a chegada, seleção e permanência de objetos e coisas no Museu do Lixo, que, ao mesmo tempo, se constituem num arquivo (no sentido de mediar os rastros que estes deixam), e permite ver o lugar que o objeto ocupa no espaço museal.

Esta intencionalidade é positiva e acontece, neste caso, não apenas a contrapelo, usando a metáfora de Walter Benjamin (1993), mas na ordem do pelo, ou seja, no como as coisas se apresentam e se constituem. Há um fetiche implícito na seleção de objetos e coisas e na formação dos acervos (ou arquivos) no Museu do Lixo, que incorporam diversos sentidos e uma linguagem que traduz o invisível para algo concreto (FARGE, 2009).

Na atribuição de valor simbólico, diversas materialidades, em determinados contextos, ganham significado de mercadorias, objetos e coisas. No museu, ganham o estatuto de peça museal. Do mesmo modo, o que em outros lugares foi considerado lixo, no Museu do Lixo tornam-se coisas, com trajetórias e histórias. Os critérios de raridade, antiguidade, exótico, curioso, excêntrico, objeto que completa uma coleção, que guarda uma memória de anônimos e pessoas esquecidas, e diversas outras atribuições simbólicas, compõem os acervos dos Museus do Lixo. São objetos descartados, doados, rejeitados, destituídos de seu valor sentimental, de uso, valor prático ou tecnológico, ou fabricados com peças de materiais reciclados, que se constituem em novos objetos. A inserção de objetos descartados em museus, a criação destes espaços museais e a transformação de objetos descartados em arte são questões inseridas nas (re)configurações e apropriações dos excessos.

Os espaços expositivos dos Museus do Lixo em questão neste texto, assim como outros museus, é um lugar onde se expõem objetos, e isso compõe processos comunicativos que são constituídos na seleção das peças do acervo, que seguem em alguns casos uma dada organização. Em outros momentos, os objetos vão compondo um caos organizado que está constantemente em movimento, dependendo da entrada de novos objetos no espaço museal. Há uma intencionalidade na composição e ordenação expográfica que tem em vista provocar no visitante o contato com coisas e objetos descartados de maneira sistemática ou não. O caráter saudosista e nostálgico se faz presente, quando se vincula alguma lembrança particular aos objetos do acervo, nas visitas educativas, pelos monitores do museu, e pelo público.

O acervo de aproximadamente 10 mil peças, do Museu do Lixo - O Passado Ainda Presente da COMCAP – Companhia de Melhoramentos da Capital, em Florianópolis na Ilha de Santa Catarina, começou a ser organizado no início da década de 1990, por diversos trabalhadores entre eles catadores, que perceberam que muitos dos objetos que chegavam através da coleta seletiva não eram lixo. No final da mesma década, alguns funcionários que trabalhavam no centro de triagem começaram a selecionar diversos objetos, como ferrões de passar roupa antigos. Valdinei Marques, trabalhava como gari e procurava dedicar-se à educação ambiental dentro da empresa, e a ideia do museu surgiu como uma oportunidade. Esta ideia foi apoiada por alguns funcionários e contrariada por outros, o que provocou embates e resistências naquele momento. Ele abraçou a causa e começou a movimentar

ações de coleta junto com outros garis, para poder selecionar estes objetos e organizar o espaço museal. Deste modo, eles guardaram bichos de pelúcia, bonecos, calçados e tudo aquilo que classificavam como não lixo. Mas, Valdinei percebeu que havia de fazer escolhas, já que o espaço não comportaria o volume de objetos que chegavam e ainda chegam através da coleta seletiva. Os critérios de seleção adotados nesta ideia inicial de Museu do Lixo, foram de antiguidade e de raridade. Desde sua criação, em 2003, o Museu Lixo funciona num galpão anexo à Unidade de Reciclagem de Lixo da COMCAP, localizado na Rodovia Admar Gonzaga, número 130 no Bairro Itacorubi, continua a receber objetos da coleta seletiva, garimpados pelos funcionários da empresa.

Valdinei Marques o “Nei” permitiu a configuração do Museu do Lixo COMCAP e é, ao mesmo tempo, articulador, senão de todas, mas, da maioria das atividades desenvolvidas neste museu, estruturando o mesmo a partir de um ponto de vista muito pessoal e que dialoga com as questões que são colocadas no presente. O “Nei” foi coordenador do Museu do Lixo deste ano de 2003 até 2015 e na atualidade, trabalha exclusivamente no museu desenvolvendo suas atividades, menos a de coordenador.

O Museu do Lixo da COMCAP foi criado com objetivo de mostrar o que é encontrado no lixo e indicar para as pessoas que esses objetos podem ter outros usos, não apenas o lixo como produto. Atualmente, se tornou um espaço para a poesia, para as artes, e estabelece parcerias com acadêmicos de diversos cursos, professores, escolas, creches, que permitem a reflexão sobre a inclusão social, as práticas de consumo, a destinação dada aos objetos descartados. Ele se tornou referência para as atividades de educação ambiental do Estado de Santa Catarina.

O acervo do Museu do Lixo de São José dos Campos (SP), começou a se configurar em 1985 com Rubens Dalprat, quando começou a trabalhar na URBAM – Urbanizadora Municipal, localizada na Rua Ricardo Edwards número 100. Atualmente aposentado, Rubens Dalprat iniciou sua coleção com objetos que chegavam ao aterrosanitário ao perceber que alguns objetos que eram jogados no lixo, não eram lixo. Catou, selecionou, limpou, consertou e guardou máquinas de costura, máquinas de escrever, máquinas fotográficas, máquinas de datilografia, painéis de ferro, esculturas, ferro à brasa, gramofone, projetor de cinema, celulares analógicos e rádios, dando início ao Museu do Lixo em 1991. A maioria das peças que compõem o museu são da década de 1980, 1990 e início dos anos 2000. Muitos dos objetos que se encontram no museu não são mais fabricados e, atualmente, são vistos como raridades. Há um valor sentimental e saudosista neste museu, quando a própria trajetória do personagem é incorporada ao museu através do reconhecimento e destaque que lhe é dado no município.

O Museu do Lixo ocupa um lugar central na educação ambiental promovida pela instituição e pela Prefeitura de São José dos Campos, através do “Lixo Tour”³. Por meio de agendamento, estudantes de escolas municipais e estaduais, de universidades, funcionários de diversas empresas e indústrias, clubes de serviço, associações de moradores, ONGs, entre outros públicos, realizam o tour. O Programa Lixo Tour insere abordagens dinâmicas através de “apresentações, vídeos e projeções”⁴. O circuito insere a Sala Ambiental, onde são apresentadas palestras, a Recicloteca onde se realizam oficinas com materiais recicláveis, e visita à exposição do Museu do Lixo.

No ano de 2019, o Museu do Lixo, foi totalmente reformulado com conceitos sustentáveis de reaproveitamento de materiais e passou a funcionar em contêineres marítimos metalizados e reutilizados, dentro do complexo da Estação de Tratamento e Resíduos Sólidos da URBAM. As peças do Museu do Lixo são utilizadas como “material didático” interativo, permite a reflexão sobre a transformação dos objetos, as mudanças das práticas de consumo e outras reflexões importantes para se pensar a história do tempo presente. Na exposição é utilizado como recurso a realidade aumentada que permite “contar a história das peças do museu fazendo um paralelo sobre a importância da coleta seletiva e da preservação ambiental”⁵. A perspectiva educativa e a inserção da prática dos 5Rs (recusar, repensar, reduzir, reutilizar, reciclar) são abordadas como uma possibilidade de mudança de comportamento em relação aos cuidados que se deve ter com o lixo. A valorização do trabalho dos catadores do lixo é uma das perspectivas educativas que o município adota.

O Museu do Lixo que não é Lixo de Campo Magro, está localizado na Rua Mauro Dantas número 333, num extenso terreno pertencente à Prefeitura de Campo Magro (PR), região metropolitana de Curitiba. O museu foi criado em 1994, pela Unidade de Valorização de recicláveis UVR. A iniciativa de guardar objetos provenientes do lixo foi de Afonso Cardoso, ex-gari aposentado conhecido como Panamá. O Museu do Lixo teria começado com o Panamá, que guardou alguns objetos na sua residência, que chegaram através da coleta seletiva. Primeiramente, foram selos, cédulas e moedas. Logo os objetos foram tantos que

³ Prefeitura de São José dos Campos. Disponível em: <https://servicos2.sjc.sp.gov.br/>. Acesso em: 22 out. 2022.

⁴ Programa Lixo Tour reabre agenda para visitas. **Prefeitura São José dos Campos**. Publicado em: 03/11/2021. Disponível em: <https://www.sjc.sp.gov.br/noticias/2021/novembro/03/programa-lixo-tour-reabre-agenda-para-visitacoes/>. Acesso em: 24 jan. 2022.

⁵ Com alta procura, Museu do Lixo agenda visita em São José. **Prefeitura São José dos Campos**. Publicado em 29/05/2022. Disponível em: <https://www.sjc.sp.gov.br/noticias/2020/marco/03/com-alta-procura-museu-do-lixo-agenda-visitacao-em-sao-jose/>. Acesso em: 24 jan. 2022.

ele não conseguiu guardá-los em casa e precisou deixá-los amontoados num pequeno espaço na UVR. Outros funcionários adotaram a prática de separar o que não consideravam lixo. Todo e qualquer tipo de objeto que não era lixo comum chegava a UVR, incluindo móveis, baús de madeira, cristaleiras, guarda-roupas, vitrines, geladeiras, entre outros tipos de mobílias, eletrodomésticos e objetos que hoje fazem parte do museu. A implantação da coleta seletiva em 1989 no município, pode ter incentivado moradores a jogar fora o “lixo” que consideravam que poderia ter outra utilidade ou poderia ser reaproveitado.

Com o passar dos anos, outros tipos de objetos começaram a chegar: telefones, óculos, álbuns de fotografias preto e branco, instrumentos musicais, brinquedos, ferramentas, máquinas de costura, ferros de passar roupa, capacetes militares, instrumentos bélicos, peças de bronze e madeira, relógios, fitas de vídeo cassetes, algumas roupas, aparelhos de laboratório, peles e animais taxidermizados e mais de 1.500 livros, entre outros sete mil objetos aproximadamente. Atualmente o Museu do Lixo que não é Lixo, encontra-se fechado e pelas restrições impostas pela pandemia de Covid-19 e pelo encerramento das atividades da UVR no município de Campo Magro e Curitiba. Nos dias de hoje o Museu do Lixo é administrado pela Associação de Catadores de Materiais Recicláveis da fazenda Solidariedade ACARFS⁶. Os cerca de 40 catadores de lixo, organizados em forma de cooperativa, mantem o vínculo com a Prefeitura de Campo Magro que paga as contas de luz, manutenção do Centro de Reciclagem e fornecimento de materiais reciclados. De maneira participativa a prefeitura e a associação de catadores, pretendem realizar campanhas educativas e visitas as residências com o objetivo de promover as práticas corretas de separação de materiais recicláveis e coleta seletiva⁷.

O investimento político, social, cultural e econômico destinado às ações promovidas pelos e sobre os Museus do Lixo, assim como outros museus, criam identidades locais numa perspectiva coletiva. Os Museus do Lixo, têm como finalidade a democratização de seus acervos, conscientização para o problema do lixo gerado pela sociedade do consumo, através das práticas de educação ambiental nas cidades onde ele ocorre. O consumo, descarte,

⁶ A Associação De Catadores De Materiais Recicláveis Da Fazenda Solidariedade foi fundada em 27/07/2017. Mais detalhes sobre a Associação de Catadores de Materiais Recicláveis da Fazenda Solidariedade. **Solo tudo**. Disponível em: <https://www.solutudo.com.br/empresas/pr/cpo-magro/ongs-e-entidades-sociais/associacao-de-catadores-de-materiais-reciclaveis-da-fazenda-solidariedade-13924840>. Acesso em: 23 jan. 2022.

⁷ Campanha educativa sobre a destinação correta de resíduos. **República News Notícias**. Site de Notícias de Curitiba e região Metropolitana. Publicada em 4/10/2021. Disponível em: <https://republicanewsnoticias.com/campanha-educativa-sobre-destinacao-correta-de-residuos/>. Acesso em: 23 jan. 2022.

obsolescência programada e novos usos para o que é descartado são temas abordados durante as visitas do público escolar aos Museus do Lixo, que promovem este tipo de ação educativa.

Nos Museus do Lixo de Florianópolis, São José dos Campos e Magro/Curitiba, são desenvolvidas atividades educativas de cunho ambiental e, apesar de não desenvolvem atividades em diálogo direto com as escolas no que tange à elaboração do circuito e roteiro ambiental, eles elaboram outro tipo de mediação, ao receberem alunos de escolas dessas cidades e de outras cidades dos Estados de Santa Catarina, São Paulo e Paraná. As escolas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio agendam suas visitas nos Museus do Lixo destas cidades e representam a maioria do público nestes espaços museais. Eles transitam e incorporam as mudanças de percepção de sentidos nos espaços museais numa perspectiva multicultural, ao mesmo tempo em que propõem novas relações com o público, levando em conta seus objetivos.

Os Museus do Lixo caminham na contramão de algumas das pretensões museológicas do país, ao não possuírem documentação como fichas catalográficas e livro tomo, por não possuir registros, identificações e inventários do seu acervo. Entretanto, estabelecem diálogos, como por exemplo, com as questões colocadas pela museologia na década de 1980, quando se discutia a educação nos museus e na educação patrimonial. Na ampliação da perspectiva museológica, estes lugares museais e os personagens a eles ligados entram em cena; eles saem do marginal e se incorporam aos processos sociais, turísticos, educativos e culturais da cidade. Eles tornam-se um produto, naquilo que Appadurai (2004) considera como “patrimônio negociado” em sua dimensão política. Um patrimônio que reside não mais sobre o passado, “mas como ação do presente sobre o presente”, ao promover “indústrias da cultura”. Os Museus do Lixo e os novos museus estão profundamente inseridos na história cultural, e são lugares cruciais para as políticas da história. Estes espaços museais poderiam ser impensáveis em outros contextos históricos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Museus do Lixo colocados em questão, vinculados aos centros de tratamento de lixo reciclado, foram criados entre 1991 e 2007, quando as questões sobre o cuidado com o lixo, ligadas às questões ambientais e sustentabilidade, ganham destaque em nível nacional. Nas três cidades, a formação do acervo antecede a criação do museu. Passo a passo, selecionado e catando o (não) lixo que encontraram no seu caminho, os catadores ou “trapeiros” Valdinei Marques, o “Nei”, Rubens Dalprat e Afonso Cardoso, o “Panamá”, montaram suas coleções “particulares” e permitiram a configuração do “Museu do Lixo que não é Lixo”, em Campo Magro/Curitiba, o “Museu do Lixo - O Passado ainda Presente”, em

Florianópolis, e o “Museu do Lixo”, em São José dos Campos, respectivamente. A ação dos catadores permitiu a formação de uma coleção que passa a ser *musealia* no Museu do Lixo. Estes espaços museais possibilita a passagem também de personagens anônimos para “heróis comuns”, que inventa e se (re)inventa no compromisso de transformar operações astuciosas e clandestinas em obra ou “missão”, onde todos e todas podem se identificar e atuar.

Como na Invenção do cotidiano, de Michel de Certeau (1994), desloca-se a atenção do consumo aparentemente passivo dos produtos que são descartados para uma criação nascida da prática do desvio de coisas e objetos descartados que se tornam objetos artísticos e *musealia*. Inventividades alimentadas por uma sensibilidade estética e política se posicionam numa espécie de micro resistências, que fundam micro liberdades, e deslocam fronteiras de dominação. A inversão de perspectivas fundamenta novos fazeres, apropriações e domínios para uma perspectiva de partilha horizontal e plural.

A principal função que estes espaços museais exercem através do seu acervo é educativa. Vinculados aos centros da coleta seletiva e reciclagem de lixo das instituições responsáveis por esta atividade nas cidades em questão, incorporam narrativas que transitam pelas questões de sustentabilidade, consumo consciente e separação correta dos resíduos sólidos e recicláveis. Os Museus do Lixo acolhem e (re)significam objetos do lixo, tornando-os peças de museu. Estes novos espaços museais abrigam a memória do que a sociedade dos consumidores produz e descarta, portanto, são objetos e coisas que possuem história. Os Museus do Lixo e sua *musealia* permitem múltiplas apropriações e usos, por aqueles que com ele se relacionam, reconhecem e identificam.

Os Museus do Lixo são lugares de acolhimento para o que não cabe mais em outros lugares, ou para aquilo que não se constitui lixo na sua totalidade. Os objetos e coisas que nelas encontram são produtos de diversas tecnologias e usos cotidianos, o que cria um elo de (re)conhecimento nos seus visitantes. Os Museus do Lixo, sua *musealia*, os personagens que se incorporam numa identificação comum, bem como aqueles que se reconhecem no espaço museal, permitem, se não a transição, ao menos o deslocamento de práticas e posturas marginais, ou seja, que estavam nas margens, para diversos centros que funcionam como multiplicadores de discursos e práticas para além do espaço museal.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização. A modernidade sem peias**. Lisboa: Teorema, 2004.

ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural**. Tradução: Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BENJAMIN, Walter. Paris, capital do séc. XIX. //: FERNANDES, Florestan; KOTHE, Flávio (orgs.). **Coleção Grandes Cientistas Sociais**. São Paulo: Ática, 1985. p. 53-63.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BRULON, Bruno. Os objetos de museu, entre a classificação e o devir. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 25, n. 1, p. 25-37, 2015.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAGAS, Mario. **A imaginação museal. Museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009.

CHAGAS, Mário. Museus, memórias e movimentos sociais. **Cadernos de Sociomuseologia**. n. 41, p. 5-16, 2011.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria do Estado de São Paulo, 2013.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FERREZ, Helena D. **Documentação museológica: teoria para uma boa prática**. **Cadernos de Ensaios**, v. 2, p. 64-73, 1994.

LUNA, Gloria Alejandra G. **Museus do Lixo no Brasil**. Itapiranga: Schreiber, 2021.

VARINE, Hugues de. **As raízes do futuro: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Tradução Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

Recebido em 26 de janeiro de 2022.
Aprovado em 29 de setembro de 2022.